Escritores tradutores brasileiros e a tradução dos nomes próprios

Germana DE SOUSA[1]
Sonia PUTTINI
Camilla MARIATH
Aline BISPO
Jakeline NUNES

Universidade de Brasília (UnB)
Brasil

Resumo: Trata-se de verificar como se dá a tradução de nomes próprios na prosa traduzida para o português do Brasil por grandes escritores brasileiros no âmbito da Editora e Livraria do Globo de Porto Alegre. As obras do *corpus* são constituídas por romances e contos pertencentes ao cânone da literatura em língua inglesa e da literatura francesa.

Palavras-chave: literatura traduzida *versus* literatura nacional, tradução de nomes próprios, história da tradução no Brasil.

Abstract: This paper aims at investigating the translation of proper names, anthroponyms, toponyms, in classical narratives translated into Brazilian Portuguese by major Brazilian writers and published by Globo Publisher and Bookstore of Porto Alegre (Editora e Livraria do Globo de Porto Alegre). The corpus is composed of canonical narratives from French, English and North American literatures.

Keywords: literature translated versus national literature, translation of proper names, history of translation in Brazil.

I. Em busca da história da tradução no Brasil

Este artigo mostra resultados de uma pesquisa acerca das relações entre tradução e sistema literário, cujo objetivo maior é estudar a história da tradução no Brasil, sobretudo a tradução dos clássicos realizada pelos escritores/tradutores brasileiros. Segundo Even-Zohar (1999), a tradução pode ocupar uma posição primária no sistema literário do país receptor quando a literatura é i) jovem; ii) está em processo de formação ou iii) quando existem momentos de inflexão no sistema. No caso do Brasil, a

1 Profa. Dra. Germana Henriques Pereira de Sousa, Departamento de Línguas estrangeiras e tradução. As coautoras deste artigo são estudantes-pesquisadoras do bacharelado em Letras-Tradução da UnB.

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

literatura foi formada a partir da literatura europeia, segundo a dialética do local/cosmopolita (Candido 1958). Em seu processo formativo, a literatura brasileira recebeu as influências dos movimentos estéticos europeus, veiculadas, em parte, pelas traduções. A tradução ocupou, e talvez ainda o faça, uma posição primária na formação do sistema literário brasileiro. Isto se vê tanto na relação que os escritores brasileiros mantêm com a tradução, sendo a grande maioria deles tradutores, quanto no modo como o Brasil traduziu os clássicos da literatura universal.

Os objetivos são, portanto, i) investigar a relação entre a literatura nacional e a literatura traduzida por meio do estudo das traduções realizadas pelos escritores/tradutores brasileiros; ii) analisar criticamente a tradução dos clássicos e suas retraduções por meio do estudo dos textos de acompanhamento (capas, títulos, prefácios, posfácios, notas e glossários), e da análise crítica da obra traduzida (estilo, pontuação, léxico, transferências culturais).

A metodologia empregada para a análise dos textos de acompanhamento fundamenta-se naquela desenvolvida por Risterucci-Roudnicki (2007) que encara a obra traduzida como um híbrido cultural. As noções de sistema literário, como histórico e dinâmico, aqui empregadas, partem dos estudos de Candido (1958; 2000) sobre o processo formativo brasileiro, e de Itamar Even-Zohar (1999), que desenvolveu a teoria dos polissistemas, cujos objetivos remetem ao estudo da tradução como veículo portador das vogas estéticas e dos gêneros literários de uma comunidade cultural a outra. Gideon Toury (1995), também polissistemista, foca sua análise do fenômeno da tradução na cultura de chegada, ou seja, no polo receptor, uma vez que este determina o quê e como traduzir; para isso, Toury investiga as normas de tradução. O método crítico de Antoine Berman (1995), que leva em conta o estatuto do tradutor e sua ética, é igualmente considerado para a análise dos escritores/tradutores brasileiros. A relação entre a literatura e suas margens, o discurso da crítica e a manipulação da literatura por meio da tradução, serão estudados do ponto de vista ideológico segundo os trabalhos de André Lefevere (2007).

O objetivo principal deste projeto é realizar um mapeamento das traduções realizadas no Brasil à época de ouro das traduções, também conhecida como a época do "boom" das traduções, sobretudo daquelas editadas e realizadas pela equipe de tradutores da Livraria e Editora do Globo de Porto Alegre, e pela José Olympio, que eram também, e não por coincidência, grandes escritores brasileiros. Essa cartografia, ainda que parcial, haja vista a amplitude do *corpus*, será realizada até 2013, quando será publicada em forma de livro.

Para este artigo, cujo tema é a tradução dos nomes próprios, declinados em antropônimos (nome, sobrenome, hipocorístico) de indivíduos reais ou fictícios, topônimos (lugares, monumentos), e demais

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

referentes culturais, o *corpus* de análise será a pesquisa em curso de realização e elaborada pelas coautoras deste artigo, sob minha orientação: *A época de ouro das traduções no Brasil: o caso da Editora do Globo de Porto Alegre*. O projeto de pesquisa (PROIC 2010-2011/CNPq/UnB) desdobra-se em quatro trabalhos individuais: a) Aline Bispo Lopes Magalhães – *Erico Verissimo tradutor de Katherine Mansfield*; b) Camilla de Miranda Mariath Gomes – *Carlos Drummond de Andrade tradutor de Balzac*; c) Jakeline Pereira Nunes – *Cecília Meireles tradutora de Virgínia Woolf*; d) Sonia Maria Puttini – *Mário Quintana tradutor de Proust*. Os textos analisados são respectivamente: a) *Bliss*; b) *Les paysans*; c) *Orlando – a Biography*; d) *Du côté de chez Swann*.

Antes de passarmos à análise, vale ressaltar o contexto histórico e cultural brasileiro no qual se inserem os trabalhos dos autores/tradutores citados.

No Brasil dos anos 30 e 40 (Sousa 2009), as editoras José Olympio e Globo tiveram importante papel na divulgação e difusão de obras literárias, dos clássicos à literatura para jovens, aos romances policial e de ficção científica. Segundo John Milton (2002), os anos 30 foram a década de ouro da tradução, graças ao incentivo do governo Vargas, que criou o Instituto Nacional do Livro e várias bibliotecas. Vale ressaltar o sucesso absoluto da criação de coleções de obras traduzidas, como a coleção Nobel. Grandes escritores tornaram-se tradutores empregados pela editora Globo, que desse modo lhes proporcionava uma nova fonte de renda. O papel dessas publicações era popularizar a leitura dos clássicos universais, o acesso à leitura de públicos não especialistas e a grande circulação de obras, por exemplo, a tradução de Proust por Mário Quintana foi um dos *best-sellers* da Editora Globo, com 66 mil exemplares publicados. Visava também formar um público leitor, disseminar a cultura estrangeira, alçar os leitores brasileiros ao patamar internacional de modo a que se sentissem parte de um conjunto cultural mais amplo: o dos leitores das letras clássicas universais. Era igualmente uma forma de disseminar as grandes obras da literatura nacional, que eram publicadas em coleções conjuntas com as obras estrangeiras, um modo de legitimar as obras nacionais. Milton ressalta ainda a importância do Clube do Livro (Milton 2002), que fazia o que ele chama de "tradução de fábrica", em oposição à "tradução artesanal", promovida pelas grandes editoras.

A partir de 1930, a Livraria Globo ganha caráter de editora graças ao sucesso alcançado por Henrique Bertaso ao decidir criar uma seção editorial dentro da livraria. Tendo como foco as traduções de obras francesas, inglesas e norte-americanas, a Livraria e Editora do Globo de Porto Alegre foi de fundamental importância para a divulgação no Brasil do cânone universal. Na organização deste ramo editorial, Bertaso conta com a participação de Erico Verissimo, que auxiliou tanto na organização deste

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

novo empreendimento, quanto nas escolhas dos livros a serem traduzidos. Quando decidia quais obras seriam editadas pela Globo, Erico Verissimo priorizava aquelas mais densas e cultas no intuito de valorizar a literatura e enriquecer o conhecimento do leitor.

II. A tradução dos nomes próprios

Segundo Martinet (1982), no texto literário, os nomes próprios não desempenham uma simples função denotativa de seres e lugares. Nesse sentido, esses nomes desempenham uma função mais ampla, que exige do tradutor uma análise do texto em sua totalidade para alcançar uma compreensão do que representam no universo ficcional da obra. A partir dessa análise aprofundada, podemos pensar em algumas posições para o tradutor em relação aos nomes próprios: i) podem ser conservados como aparecem no texto original, ii) podem ser traduzidos por equivalentes conotativos da língua de chegada e iii) podem ser adaptados foneticamente, principalmente no caso de textos poéticos e dramáticos.

A compreensão dos papéis que os nomes próprios desempenham numa narrativa, assim como o lugar que eles ocupam no universo literário do autor, é condição necessária para absorvermos a essência do texto e sua totalidade. Berman explica que "todo texto a ser traduzido apresenta uma sistematicidade própria que o movimento de tradução encontra, enfrenta e revela". (Berman 2002, 20) A presença de nomes próprios dá forma a essa sistematicidade e, portanto, exige que ela seja decifrada pelo leitor e pelo tradutor.

II.1. *Bliss* ou *Felicidade*

Entre os autores traduzidos por Verissimo encontramos Agatha Christie, Somerset Maugham e Katherine Mansfield. Alguns de seus trabalhos foram assinados com o pseudônimo "Gilberto Miranda". Para a pesquisa é proposta a análise das traduções feitas por Erico Verissimo dos contos *Psychology*, *Bliss* e *Her First Ball*, de Katherine Mansfield, publicados pela Editora Globo, em 1939 e 1940. Para a análise dos nomes próprios que concerne este artigo, será estudado o caso do conto *Bliss*.

Katherine Mansfield nasceu em 1888, na Nova Zelândia e morreu em 1923, aos 34 anos. Dentre os diversos contos escritos por ela, *Bliss* é um dos mais famosos e foi publicado em diversas coletâneas da obra da autora. No Brasil, este conto foi traduzido pela primeira vez em 1940 por Erico Verissimo e publicado pela Editora e Livraria do Globo de Porto Alegre. Os direitos da publicação foram comprados pela Editora Nova Fronteira, na tradução de Verissimo. Nos anos 1990, a Editora Revan publicou uma coletânea de contos de Mansfield intitulada *Felicidade e outros contos*,

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

traduzida por Julieta Cupertino[2]. Apesar de manter o mesmo título, a publicação da Revan difere de ambas as anteriores que apresentam traduções de Verissimo.

A análise do conto partirá das traduções citadas acima e o principal motivo para a escolha de *Bliss* é que, já a partir do título, encontramos dificuldade e peculiaridade na tradução, pois:

> Tal como "saudade" em português, "bliss" é uma palavra inglesa sem correspondente exato em outras línguas. Êxtase, felicidade total, euforia, há muitas traduções possíveis, mas nenhuma atende a todas as nuances da palavra original. (Cupertino apud Gonçalves 2008)

Todavia, Cupertino, na esteira de Verissimo, traduz *Bliss* por *Felicidade*. A situação cênica descrita em *Bliss* ocorre na casa da protagonista, Bertha Young. Esta recebe alguns amigos para jantar, e, portanto, a maioria dos substantivos próprios do texto refere-se aos nomes das personagens. Em alguns casos fica flagrante a relação entre a personagem e seu nome. Este é o caso de Pearl Fulton, uma personagem admirada e querida pela protagonista da história. Em inglês "pear" quer dizer "pera" ; ao nome da personagem Pearl é acrescido apenas o "l" para diferenciar o nome próprio daquele da fruta. Entretanto há uma forte ligação entre a protagonista Bertha, uma pereira (a árvore) e a personagem Pearl Fulton. Há um pé de pera lindo e florido no quintal de Bertha Young e esta árvore é citada no conto diversas vezes pela sua beleza, assim como Pearl Fulton é admirada e citada diversas vezes pela protagonista. Ao escolher "Pearl" como prenome da personagem admirada por Bertha, Mansfield parece pretender adjetivar a personagem com as mesmas qualidades da árvore e, t-ambém, fazer entender que a admiração da protagonista pela árvore e pela mulher era a mesma. Entretanto, nas traduções analisadas, ambos os tradutores optaram por não traduzir o nome, deixando o leitor fazer por si próprio a aproximação. Por outro lado, "Pearl" em inglês significa pérola, nome que tampouco é usado nas traduções e cuja simbologia remete à delicadeza, à pureza. Dois outros

2 Coletânea de Verissimo: *Bliss* (Felicidade); *Mr. Reginald Peacock's Day* (O dia de Mr. Reginald Peacock); *The Escape* (A evasão); *Taking the veil* (Nuvem de Primavera); *Psychology* (Psicologia); *Je ne parle pas français* (Je ne parle pas français); *Feuille D'album* (Feuille D'album); *The little governess* (A jovem governanta); *Her first ball* (O seu primeiro baile); *The singing lesson* (A lição de canto); *The wind blows* (O vento sopra); *Sun and Moon* (Sol e Lua); *Revelations* (Revelações) e *Prelude* (Prelúdio). Na coletânea de Cupertino: *Bliss* (Felicidade); *Psychology* (Psicologia); Mr. *Reginald Peacock's Day* (Um dia de Reginald Peacock); *The little governess* (A pequena governanta); *The daughters of the late colon*el (As filhas do falecido coronel); *Mariage à la mode* (Marriage à la mode); *Something childish but very natural* (Um tanto infantil, mas muito natural) e *The canary* (O canário).

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

nomes de personagens que aparecem no texto e podem exprimir qualidade são Face e Mug. Estes são apelidos dados ao casal de amigos que Bertha convida; no conto fica claro que eles só se chamam assim quando estão entre pessoas íntimas. Os tradutores mantiveram os nomes do original em inglês, mas tanto "mug" quanto "face" podem ser traduzidos por "careta", o que transmitiria ao leitor um pouco mais da excentricidade das personagens.

Dos nomes próprios encontrados no conto, Erico Verissimo traduziu aqueles que, em português, são bastante comuns; é o caso de "Mary" que ficou "Maria" e "Jacob" adaptado para "Jacó". Verissimo também adaptou à grafia do português o nome de "Bertha" ("Berta"); já o nome do bebê "Little B" foi traduzido para "pequena B". Os demais nomes foram mantidos como no original, inclusive o substantivo próprio "nurse", comumente designador da profissão de enfermeira, e que no conto remete à função de babá, não foi traduzido. A enfermeira também é chamada por Bertha de "Nanny", que é babá em português, mas o nome tampouco foi traduzido, o que mostra certa incongruência por parte das escolhas tradutórias.

Julieta Cupertino optou por manter praticamente todos os nomes das personagens como no original, com exceção de "Little B" que foi traduzido por "pequena B". Para "nurse", ou "Nanny", a tradutora optou por "babá", como é mais comum no Brasil.

Tradução dos os nomes das personagens

Original	*Erico Verissimo*	*Julieta Cupertino*
Bertha Young	Berta Young	Bertha Young
Mary	Maria	Mary
Little B	pequena B.	pequena B.
Nanny	Nanny	Nanny
Harry	Harry	Harry
Norman Knight	Norman Knight	Norman Knight
Eddie Warren	Eddie Warren	Eddie Warren
Pearl Fulton	Pearl Fulton	Pearl Fulton
Face	Face	Face
Mug	Mug	Mug
Jacob Nathan	Jacó Nathan	Jacob Nathan
Bilks	Bilks	Bilke

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

Além dos nomes das personagens, há também no texto a alusão a três títulos de peças teatrais, até onde sabemos, ficcionais: um remete a uma expressão em francês e os outros dois estão em inglês. Na tradução de Verissimo, *Table d'Hôte*, expressão francesa que significa "refeição servida a preço prefixado incluindo entrada, prato principal e sobremesa", passa a ser "Table d'Hôtel", uma adaptação na própria língua francesa e que mantém o estranhamento em português do Brasil. Já o título *Stomach trouble* é vertido como "Perturbações digestivas". A última peça citada em *Bliss, Love in false Teeth,* foi traduzida como "Amor com dentes postiços". Nos dois últimos casos há uma tentativa de naturalização por parte de Verissimo, com conservação do humor presente nos títulos originais. No primeiro título em francês, a adaptação, ou tentativa de, não faz muito sentido e resulta numa exotização.

Cupertino traduziu "Table d'Hôte" por "Mesa de Convidado", que não remete em português do Brasil ao mesmo significado em francês; deixou *Love in false Teeth* como no original, optando por uma nota de rodapé para esclarecer que se tratava da obra "Amor em dentes postiços". *Stomach trouble* foi traduzido por "Dor de estômago", mais adequado e mais simples do que "Perturbações digestivas", de Verissimo. Ainda no texto de Cupertino, o nome próprio "Michael Oat" aparece como "Michael Ost", provavelmente um engano, já que é possível que a substituição da letra "a" pelo "s" tenha passado desapercebida pela editora. Cupertino faz a adaptação do sobrenome do escritor russo Tchekov, que Verissimo não faz.

Tradução dos títulos das peças teatrais e nomes de autores

Original	*Erico Verissimo*	*Julieta Cupertino*
Michael Oat	Michael Oat	Michael Ost (possível erro editorial)
Love in false Teeth	Amor com dentes postiços	Love in false Teeth (com nota de rodapé: Amor em dentes postiços)
Stomach trouble	Perturbações Digestivas	Dor de estômago
Tchekof	Tchekof	Tchekov
Table d'Hôte	Table d'Hôtel	Mesa de Convidado

Com relação à tradução dos topônimos, em ambas as traduções, o nome da capital inglesa *London* foi traduzido pelo equivalente em português, "Londres", mas o bairro londrino *Hampstead* não recebeu tradução.

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

Concluímos daí que há uma hesitação evidente na tradução de nomes próprios e títulos de obras citadas, porém a tradução de Cupertino, mais recente, tende a traduzir menos.

II.2. *Les Paysans* ou *Os Camponeses*

A obra *A Comédia Humana* (*La Comédie Humaine*), de Honoré de Balzac, foi publicada pela primeira vez no Brasil no ano de 1954. Com orientação, introdução e notas do escritor e tradutor Paulo Rónai, a edição brasileira conta com dezessete volumes, divididos em *Estudos de Costumes* (*Cenas da Vida Privada*, *Cenas da Vida Provinciana*, *Cenas da Vida Parisiense*, *Cenas da Vida Política*, *Cenas da Vida Militar* e *Cenas da Vida Rural*), *Estudos Filosóficos* e *Estudos Analíticos*.

Dentre as obras mais conhecidas de *A Comédia Humana*, estão *A Mulher de Trinta Anos*, *Ilusões Perdidas*, *Eugênia Grandet*, *Úrsula Mirouët*, *O Pai Goriot,* entre outras. Nelas, Balzac serviu-se de seu talento inegável para a escrita e propôs a criação de um gênero literário presente até hoje na literatura mundial, o romance burguês, baseando-se em estudos e pesquisas sobre a sociedade em que viveu (Rónai 1947, 14), a qual passava por um momento de grandes transformações, influenciada pelo processo de surgimento do capitalismo e da burguesia francesa. Estes são temas recorrentes em seus livros, mas não os únicos.

Analisaremos neste artigo a tradução de *Les Paysans* (*Os Camponeses*) feita pelo grande poeta brasileiro, Carlos Drummond de Andrade, em 1954. Obra póstuma de Balzac, publicada em 1855 e deixada inacabada em 1844, *Les Paysans* retrata o conflito entre os grandes proprietários de terras e os proletários do campo. O objetivo é analisar as escolhas feitas por Drummond, sob a cautelosa supervisão de Paulo Rónai, quanto à tradução de nomes próprios contidos na obra. Para essa finalidade, será necessário dividir esses nomes em três macroestruturas: personagens da narrativa, personagens históricas e topônimos.

Jacques Derrida (2002 *apud* Esqueda 2004, 163), a propósito da tradução de um nome próprio, afirma que este:

> enquanto tal, permanece sempre intraduzível, fato a partir do qual pode-se considerar que ele não pertence, rigorosamente, da mesma maneira que as outras palavras, à língua, ao sistema da língua.

É importante observar a princípio que a compilação balzaquiana de oitenta e nove romances e novelas foi idealizada para ser *uma única obra*, por essa razão, é rica em intertextualidades: personagens que aparecem e

BDD-A24431 © 2011 Editura Universităţii de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

reaparecem e que são citadas em diferentes volumes de *A Comédia Humana* (Rónai 1947, 15).

Tradução dos nomes das personagens da narrativa

Original	Drummond
Émile Blondet	Emílio Blondet
Montcornet	Montcornet
Nathan	Nathan
Florine	Florina
Mariette	Marieta
Suzanne du Val-Noble	Susana do Val-Nobre
l'abbé Brossette	Padre Brossette
madame de Moncornet	Condessa de Moncornet
père Fourchon	tio Fourchon
Mouche	Mosquito
Charles	Carlos
Joseph	José

Alguns nomes dentre os listados acima foram apenas citados ao longo do livro, como Nathan, Florina, Marieta, Susana do Val-Nobre, outros, porém, como Blondet e Montcornet, apesar de também estarem presentes em outras obras, fazem parte do escopo de personagens centrais de *Os Camponeses*. Cabe ressaltar, portanto, que a tradução de nomes de personagens que já haviam aparecido em obras anteriores não ficou a cargo de Drummond, mas sim dos respectivos tradutores das obras – quatorze, no total. Não podemos esquecer que o prefaciador, anotador e organizador da edição brasileira, Paulo Rónai, foi o responsável pela revisão de todas as obras, nunca deixando de rever e corrigir os dezessete volumes, para que *A Comédia Humana* fosse o mais *fiel* possível ao original, como ele mesmo pretendia:

> Durante os anos que durou o preparo da edição brasileira da Comédia, Rónai tentou retratar o mais fiel e sistematicamente possível em português, o que Balzac queria dizer à sociedade francesa. (Esqueda 2004, 90)

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

Podemos conferir, no texto drummondiano, diferentes escolhas na tradução de nomes próprios. Há a intenção de se deixar o nome da personagem afrancesado, mas com a tradução da função, como em padre Brossette, e da fórmula de tratamento, em Condessa de Moncornet. Podemos observar, no entanto, que Drummond optou por denominar Madame de Moncornet como Condessa de Montcornet, sendo a correspondência direta de "Madame", em português, a forma de tratamento Senhora. Ainda, no caso de Père Fourchon, supomos que Drummond adaptou o modo popular francês de se referir a um homem de certa idade, como "Père", em vez de "Monsieur", para "tio", fórmula também popular de tratamento no Brasil e que não remete a nenhuma relação de parentesco.

Drummond optou, ainda, por alterar o apelido "Mouche", cujo equivalente seria "mosca" em português, para "Mosquito", provavelmente por este remeter melhor à imagem de um garoto de cerca de doze anos. Os prenomes Joseph e Charles, traduzidos como José e Carlos, explicitam uma tendência naturalizadora que pode ser observada na obra como um todo: traduzir os prenomes das personagens, deixando os nomes de família com suas grafias francesas.

Esqueda (2004) comenta a inevitável escolha de Paulo Rónai em recorrer a notas de rodapé – em toda a *Comédia*, 7.493 – para, além de outros motivos, esclarecer ou explicar os trocadilhos que o autor francês realiza com relação aos nomes das personagens:

> O nome próprio é a marca identificatória, mas também a marca do ofensivo, do sarcasmo. O que é mais próprio se torna o mais comum. O nome próprio desvela uma face, abre uma máscara social que pode ter também uma outra face, cuja máscara pode estar na língua, essa que não pertence. (Esqueda 2004, 113)

Há, no entanto, a escolha por parte de Drummond de traduzir os nomes das personagens históricas para as quais existe correspondência na língua portuguesa:

PERSONAGENS HISTÓRICAS	
ORIGINAL	*DRUMMOND*
Napoléon	Napoleão
Louis XVI	Luís XVI
Henri IV	Henrique IV
le Grand Dauphin	o Grande Delfim
Breughel-de-Velours	Breughel-de-Veludo

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

Entre os nomes apresentados acima, mencionamos reis e imperadores franceses, além de um pintor flamengo, Breughel. Para esse último, deixou-se o primeiro nome em língua estrangeira, mas traduziu-se *Velours*. Era costume no Brasil traduzir-se o nome de personagens históricas, a exemplo dos membros da realeza. Esse costume, no entanto, não é mais assaz observado nas traduções contemporâneas, talvez impulsionadas agora pela aproximação de culturas proporcionada pela globalização.

Existem, ainda, exemplos de nomes de lugares que não são traduzidos, tendo sido vertida apenas a indicação geográfica.

Topônimos	
Original	*Drummond*
vallée des Aigues	vale das Aigues
village de Couches	aldeia de Couches
village de Blangy	aldeia de Blangy
Sous-préfecture de La-Ville-aux-Fayes	Subprefeitura de La-Ville-aux-Fayes
Palais de Versailles	Palácio de Versalhes
Bourgogne	Borgonha
La Seine	O Sena
Suisse	Suíça
Espagne	Espanha

Os topônimos, localidades ou monumentos cujos nomes existem como referentes na língua portuguesa, como os países Suíça e Espanha, foram vertidos normalmente, assim como a região da Borgonha, o rio Sena e o Palácio de Versalhes. Quanto aos nomes referentes especificamente ao território francês, isto é, desconhecidos da população brasileira, por exemplo, vale das Aigues, aldeia de Couches, aldeia de Blangy e subprefeitura de La-Ville-aux-Fayes, são traduzidas apenas as suas indicações geográficas (vale, aldeia, etc.) ou função (subprefeitura), seus nomes permanecendo em francês.

Para a análise da tradução dos nomes próprios presentes na obra *Os Camponeses*, realizada por Carlos Drummond de Andrade para a Editora e Livraria do Globo de Porto Alegre, façamos uma reflexão, ainda que breve, acerca do par dicotômico fidelidade e traição, segundo Berman (2002). A questão de servir à obra do autor estrangeiro ou servir a sua própria língua

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

é pertinente à análise da presente tradução, pois define a posição tradutória a que se propõe o tradutor, levando-o a tomar decisões, como deixar o texto mais fluente para o leitor brasileiro ou permitir uma margem de estrangeiridade à tradução pela conservação dos nomes próprios na língua estrangeira.

Seguindo essa lógica, podemos dizer que Carlos Drummond de Andrade, como afirma Costa (2002, § 15), é um tradutor que "recria a autoria estrangeira em sua língua". Sua posição tradutória, portanto, difere de sua posição como poeta, contista e cronista, na qual é sempre possível presenciarmos novas técnicas e temáticas (Costa, § 4). Segundo Paulo Rónai (1987, 100), Drummond é um dos tradutores "mais escrupulosos e mais fiéis" que conheceu.

Podemos concluir pela análise realizada neste artigo que o tradutor Carlos Drummond de Andrade, sob a meticulosa supervisão de Paulo Rónai, permite a entrada da atmosfera do original em sua tradução quando preserva a grafia francesa de alguns nomes próprios, garantindo, assim, a *fidelidade* mencionada – e tanto buscada – pelo estudioso da obra balzaquiana, Rónai. Ao mesmo tempo, porém, privilegia a leitura de seu público alvo, ao ambientar outros, trazendo um pouco da realidade da sociedade francesa retratada na coletânea de Balzac para o Brasil.

II.3. *Orlando* entre Woolf e Cecília Meireles

As obras da escritora inglesa Virginia Woolf, publicadas na primeira metade do século XX tornaram-se best-sellers e alcançaram tiragens impressionantes.. No romance *Orlando – A Biography,* publicado em 11 de outubro de 1928, ela tece uma homenagem a uma de suas amantes, Vita Sackville-West. A obra foi traduzida no Brasil por Cecília Meireles, escritora aclamada pela crítica nacional e tradutora renomada, tendo recebido o Prêmio de Tradução de Obras Teatrais (1962) e o Prêmio Jabuti de Tradução de Obra Literária pelo livro *Poesia de Israel* (1963)[3]. A poetisa traduziu a profundidade e a instabilidade psíquica da escritora inglesa, uma tarefa difícil que pode ter sido facilitada pela aproximação que podemos tecer entre a sensibilidade da poetisa brasileira e aquela da escritora londrina:

> Esse modo de ser, de "ser Cecília", entre as inquietudes das declinações do eu e a serenidade utópica do indeclinável, é o que serve de suporte à construção do poema que se intitula explicitamente "Auto-retrato". "*Se me contemplo,/ tantas me vejo,/ que não entendo/ quem sou, no tempo/ do pensamento ("Auto-retrato", Mar Absoluto, p.271-3).* (Hansen 2001)

3 Cf. http://www.dicionariodetradutores.ufsc.br/pt/CeciliaMeireles.htm

BDD-A24431 © 2011 Editura Universităţii de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

O prenome "Orlando", que intitula a obra biográfica mais famosa da autora, tem origem teutônica e significa "aquele que vem de país formoso". O título revela o desejo de homenagear àquela que foi um dos seus maiores amores, Vita, e também elucida a vontade de contar a História, assim como o fez o excêntrico marido de Vita West, o biógrafo Harold Nicolson. Quando o nome "Orlando" é separado, obtemos as sílabas *Or- land- o*; a sílaba do meio *land* significa "terra", que também pode ser, considerando-se o sentido, "território", "espaço", "lugar", como observado por Sandra Gilbert:

> a public history of the private woman – as Orlando, returning at last from Turkey to reclaim her English inheritance, becomes England's figurative land-lady: the Lady Or-land-o, Ur-land-o, Her-land-o. (Gilbert 1992)

No livro, Woolf dá vida a Orlando, que tem sua história contada pelo "biógrafo" (presente em inúmeros trechos do livro). A jornada do jovem andrógino inglês se inicia no século XVI e atravessa diversos séculos da história inglesa. Ele tem diversas paixões avassaladoras e, após uma experiência mística na Pérsia, transforma-se em mulher. Nas traduções para o português, o título do livro é reduzido a *Orlando*, retirando-se o subtítulo "uma biografia".

Ao analisarmos de forma comparativa os nomes próprios presentes no original e suas traduções para o português, observamos que ora o nome é traduzido, caso dos topônimos e dos antropônimos de personalidades históricas, como reis, rainhas e escritores, ora é mantido como no original, como mostra o quadro abaixo.

Topônimos

Original	Cecília Meireles
London	Londres
Africa	África
France	França
Turkey	Túrquia
Harrogate	Harrogate
British Museum	Museu Britânico
Cheltenham	Cheltenham
Record Office	Arquivo
Bow Street	Bow Street

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

Assim, *Africa*, *England* e *Turkey,* são vertidos para África, Inglaterra e Turquia. Os topônimos que designam monumentos ingleses famosos, como o *British Museum,* foram adaptados. Entretanto, esse padrão nem sempre é seguido pela poetisa tradutora que manteve *Bow Street* em inglês e traduziu *Record Office* por Arquivo. Percebemos que a tradutora não se preocupou em criar um padrão, pois a versão dos antropônimos de personalidades históricas não foi adaptada, como nos casos de Queen Elizabeth I (Rainha Elizabeth), Charles II (Charles II).. Sacha, a primeira paixão avassaladora de Orlando, não tem o nome traduzido; o *Capitan Nicholas Benedict Bartolus* só tem o título de capitão traduzido. Os nomes dos barcos *Marie Rose* e *Enamoured Lady* comandados pelo Capitão Nicholas têm seus nomes mantidos, inclusive em itálico, como no texto fonte.

Os nomes de personagens da narrativa

Original	*Cecília Meireles*
Orlando	Orlando
Sacha	Sacha
Rosina Pepita	Rosina Pepita
Sttubs	Sttubs
Capitan Nicholas Benetict Bartolus	Capitão Nicholas Benetict Bartolus

No prefácio, Woolf agradece a diversos amigos, parentes e conhecidos. Na tradução, Cecília Meireles manteve os nomes próprios como no original, mas traduziu a fórmula de tratamento inglês *Sir* por "Sr.", abreviação de "Senhor" em português:

Antropônimos citados no Prefácio

Original	*Cecília Meireles*
Sir Thomas Browne	Sr. Thomas Browne
Sterne	Sterne
Vanessa Bell	Vanessa Bell
Angelica Bell	Angelica Bell
Mrs. M. K. Snowdon	Sra. M. K. Snowdon

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

II.4 *No caminho de Swann*

A questão dos nomes próprios é marcante em toda a literatura de Marcel Proust por se remeter a conteúdos simbólicos que não estão simplesmente ligados ao mundo dos signos, mas que trazem em suas acepções mais profundas o poder de evocação de uma multiplicidade de sentidos. Na obra *À la recherche du temps perdu* (*Em busca do tempo perdido*), de Marcel Proust, o sentido do nomear parece dar forma à obra, constituindo, por vezes, o elo entre as trilhas desconhecidas que o narrador percorre e as memórias de uma trama psicológica e intrigante que se confunde com a realidade do autor.

No primeiro volume da obra, *No caminho de Swann,* esse aspecto está presente desde nosso primeiro contato com o livro. O título original, *Du côté de chez Swann* (Proust, 1913), remete-nos instantaneamente a um personagem, Charles Swann, que ao longo da narrativa se (con)funde com o caminho percorrido pelo narrador, que mais tarde será apresentado pelo autor-narrador. Este nos propicia, assim, um primeiro contato com a narrativa, apresentando a primeira ponta do fio que se desenrolará ao longo da trama. Logo após o título do livro, somos levados novamente a refletir sobre a questão dos nomes próprios por meio do título do primeiro capítulo. Somos apresentados a Combray, cidadezinha fictícia em que o narrador passa com os pais as férias de Páscoa e onde recebem a visita de Swann. Esse aspecto permeia toda a narrativa, desembocando no último capítulo intitulado N*omes de terras: o nome*, em que o autor descreve a importância dos nomes em sua trajetória conferidos às cidades de sua imaginação. Além dos exemplos citados acima, seguem-se muitos outros nomes e traços que representam essa importante reflexão na obra de Proust.

Tendo como ponto de partida o lugar de destaque da questão de nomes próprios oferecido por Proust (1913) em *Du côté de chez Swann*, será analisado como essa questão se faz presente na tradução do renomado escritor e tradutor Mário Quintana (1948), intitulada por ele *No Caminho de Swann*, publicada pela Editora e Livraria do Globo, e na tradução de Fernando Py, publicada pela Ediouro. Portanto, a título de comparação, as tabelas que se seguem contêm tanto os nomes próprios encontrados na tradução de Mário Quintana (1948), como os encontrados na tradução de Fernando Py (2004).

Na tradução de *Du côté de chez Swann (*Proust, 1913), Mário Quintana (1948) e Fernando Py (2004) mantiveram em seus textos uma grande parte dos nomes próprios como no original. Em relação às personagens da narrativa, observamos que os nomes e sobrenomes foram todos mantidos como na língua de partida nas duas traduções, como mostra o quadro abaixo.

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

Personagens da narrativa		
Original	*Mário Quintana*	*Fernando Py*
Charles Swann	Charles Swann	Charles Swann
Mme de Saint-Loup	Sra. Saint-Loup	Mme de Saint-Loup
Mme de Villeparisis	Sra. de Villeparisis	Sra. de Villeparisis
Flora	Flora	Flora
Mme Materna	Sra. Materna	Sra. Materna
Françoise	Françoise	Françoise
Mme Verdurin	Sra Verdurin	Sra Verdurin
Odette de Crécy	Odette de Crécy	Odette de Crécy
Docteur Cottard	Dr. Cottard	Dr. Cottard
Gilberte	Gilberte	Gilberte
Léonie	Léonie	Léonie
Octave	Octave	Octave
Mme Goupil	Sra. Goupil	Sra. Goupil
M. Legrandin	Sr. Legrandin	Sr. Legrandin

O mesmo não podemos observar em relação às personagens históricas, caso em que a maioria foi traduzida, tanto por Mário Quintana, quanto por Fernando Py, como mostra o quadro seguinte.

Personagens históricas e culturais		
Original	*Mário Quintana*	*Fernando Py*
François 1er	Francisco I	Francisco I
Charles Quint	Carlos V	Carlos V
Charles VI	Carlos VI	Carlos VI
Ève	Eva	Eva
Adam	Adão	Adão
Louis XVI	Luís XVI	Luís XVI
Geneviève de Brabant	Geneviève de Brabant	Geneviève de Brabant

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

Como podemos observar no quadro abaixo, a maioria dos nomes de municípios, cidades e países foi mantida como no original pelos dois tradutores, excetuando-se os nomes já traduzidos e consagrados na língua portuguesa (Veneza para Venise; Florença para Florence). Alguns nomes de lugares e monumentos foram traduzidos pelos dois tradutores, como, por exemplo, *Cathédrale Sainte-Marie-des-Fleurs* (que ficou Catedral Santa Maria das Flores). Já outros permaneceram como no original nas duas traduções, como é o caso de *faubourg Saint-Germain* (nas traduções, bairro de Saint-Germain) e de *Cathédrale de Chartres* (nas traduções, catedral de Chartres). A famosa avenida de Paris, Les Champs-Elysées, foi traduzida por Mário Quintana para Campos Elísios, fato que não observamos na tradução de Fernando Py, que manteve o nome como no original. Outra diferença observada entre as duas traduções foi nos nomes de algumas ruas e bairros. Constatamos que Mário Quintana traduziu a maioria dos nomes de ruas e bairros, principalmente aqueles que levam nomes de santos, enquanto Fernando Py deixou a maioria como no original, sem traduzi-los.

Topônimos		
Original	*Mário Quintana*	*Fernando Py*
Combray	Combray	Combray
Guermantes	Guermantes	Guermantes
Tansoville	Tansoville	Tansoville
Balbec	Balbec	Balbec
Paris	Paris	Paris
Doncières	Doncières	Doncières
faubourg Saint-Germain	bairro de Saint-Germain	bairro de Saint-Germain
Cathédrale de Chartres	Catedral de Chartres	Catedral de Chartres
Vésuve	Vesúvio	Vesúvio
Bayeux	Bayeux	Bayeux
Coutances	Coutances	Coutances
Vitré	Vitré	Vitré
Questambert	Questambert	Questambert
Pontorson	Pontorson	Pontorson
Lannion	Lannion	Lannion

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

Lamballe	Lamballe	Lamballe
Benodet	Benodet	Benodet
Pont-Aven	Pont-Aven	Pont-Aven
Quimperlé	Quimperlé	Quimperlé
Rue Saint-Hilaire	Rua de Santo Hilário	Rua Saint-Hilaire
Rue Saint-Jacques	Rua de São Tiago	Rua Saint-Jacques
Rue Sainte Hildegarde	Rua de Santa Hildegarda	Rua Sainte Hildegarde
Rue du Saint-Esprit	Rua do Espírito Santo	Rua do Saint-Esprit
Rue de l'Oiseau	Rua do Pássaro	Rua de l'Oiseau
Grand-Pré	Prado Grande	Grand-Pré
Petit-Pré	Prado Pequeno	Petit-Pré
Champs-Elysées	Campos Elísios	Champs-Elysées
Cathédrale Sainte-Marie-des-Fleurs	Catedral Santa Maria das Flores	Catedral Santa Maria das Flores
Venise	Veneza	Veneza
Florence	Florença	Florença
Toscane	Toscana	Toscana
Normandie	Normandia	Normandia

Observamos, portanto, que Mário Quintana e Fernando Py optaram pela não tradução de uma parte considerável dos nomes próprios do original. Entendendo-se que Proust dedica uma parte importante de sua obra à escolha dos nomes de sua narrativa, podemos dizer que os tradutores, na verdade, mantiveram as conexões simbólicas que fazem parte do universo literário de Proust, construído por meio de idealizações e experiências reais que não podem ser dissociadas de seu todo.

Para Ballard (1998), a não tradução de nomes próprios aproxima-se do processo de empréstimo em relação a termos da língua de partida que não existem na língua de chegada. Esse aspecto pode aclarar a escolha dos tradutores em traduzir nomes já consagrados na língua portuguesa (como Veneza e Florença) ou nomes que, traduzidos, aproximam o leitor da narrativa e do original (como catedral Santa Maria das Flores). Nesses casos, os nomes são signos, por vezes, desprovidos de associações importantes para compreendermos a narrativa. O mesmo não podemos afirmar em relação à escolha de não traduzir alguns nomes (signos

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

revestidos de lembranças, memória, cultura), pois mais do que empréstimos por falta de correlação entre as duas línguas, observamos uma falta de correlação entre o universo proustiano e qualquer outro universo que tentemos descrever. Nesse caso, os tradutores optaram por uma transferência dos nomes, pois estes são carregados de simbologia e de significados que transmitem a busca do autor por uma verdade que se desenvolve por meio da aprendizagem dos signos. Apesar de a transferência dos nomes do original para as traduções ser um traço presente nos textos dos dois tradutores, ele é ainda mais marcante na tradução de Fernando Py (2004), a mais recente, em que encontramos pouquíssimos nomes próprios traduzidos.

III. Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo apresentar, ainda que sucintamente, o tratamento dado à tradução dos nomes próprios pelos escritores/tradutores da Editora e Livraria do Globo de Porto Alegre. Na comparação das traduções realizadas por eles com retraduções mais recentes, vimos que a tendência geral era de uma maior interferência no texto do original.

Podemos chegar por meio das análises às seguintes considerações:

- Os tradutores da editora do Globo tendem a traduzir mais os nomes próprios dos personagens ficcionais e a adaptar a grafia foneticamente de modo a trazer o texto para mais perto do leitor da língua de chegada;
- Os tradutores contemporâneos tendem a não traduzir, usando os nomes próprios como empréstimos, o que pode indicar uma tendência a respeitar mais a cultura de partida;
- Em ambos os casos, vemos que os tradutores tendem a traduzir referentes culturais e históricos que fazem parte da cultura geral do contexto de chegada, como nomes de lugares e de monumentos;
- A tendência mais contemporânea a não tradução de nomes de lugares e de personalidades históricas aponta para a disseminação da cultura, sobretudo ocidental, facilitada pela internet;
- Há uma certa hesitação na tradução de hipocorísticos: Drummond faz uma adaptação de Mouche enquanto Verissimo mantém Face e Mug;
- Há, de modo geral, uma certa liberdade na tradução dos títulos das obras;

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

- No caso do título brasileiro *Felicidade*, a retradução mantém o título dado por Veríssimo, apesar de constatar que não é o mais adequado.

Referências Bibliográficas

Ballard, Michel. « La traduction du nom propre comme négociation ». *Palimpsestes* 11 (1998) : 199-223. « Traduire la Culture »
Balzac, Honoré de. *Les paysans*. Bruges : Bibliothèque de la Pléiade, 1955.
Balzac, Honoré de. « Os camponeses ». Tradução de Carlos Drummond de Andrade. In *A Comédia Humana*. Porto Alegre: Globo, 1954.
Berman, Antoine. *A prova do estrangeiro*: cultura e tradução na Alemanha romântica. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
Berman, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris : Gallimard, 1995.
Candido, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000 [1958].
Costa, Walter. *Um tradutor invisível*. *Poesia sempre* 10. 16 (outubro de 2002): out-02.
Esqueda, Marileide Dias. *O tradutor Paulo Rónai: o desejo da tradução e do traduzir*. Campinas: Unicamp, tese de doutorado, 2004.
Even-Zohar, Itamar. « La posición de la literatura traducida en el polisistema literario ». Tradução de Montserrat Iglesias Santos, revisada pelo autor. In : Itamar Even-Zohar. *Teoría de los Polisistemas, Estudio introductorio, compilación de textos y bibliografía por Montserrat Iglesias Santos*. [Bibliotheca Philologica, Serie Lecturas] Madrid: Arco, 1999: 223-231.
Gonçalves, Letícia. *A reescritura de Katherine Mansfield por Erico Verissimo: análise descritiva da tradução para o português de Bliss & other stories*. [En ligne] Disponível em: http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bas/33004048019P1/2008/goncalves_ls_me_assis.pdf. (Acesso em 20 mai. 2011).
Lefevere, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Bauru: EDUSC, 2007.
Mansfield, Katherine. *Felicidade*. Tradução de Érico Veríssimo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Coleção Universo), s/d: 193.
Mansfield, Katherine. *Felicidade*. Tradução de Érico Veríssimo. Porto Alegre: Livraria do Globo (Coleção Nobel), 1940: 285.
Mansfield, Katherine. *Felicidade e outros contos*. Tradução de Julieta Cupertino. Rio de Janeiro: Revan, 2000: 140.
Mansfield, Katherine. *The short stories of Katherine Mansfield*. New York: Alfred a Knopf, 1965: 688.
Martinet, H. *Les noms propres dans la traduction littéraire*. *Meta* 27. 4 (1982): 392-400.
Milton, John. *O Clube do Livro e a Tradução*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2002.
Proust, Marcel. *Du côté de chez Swann*. Collection folio Classique. Paris: Gallimard, 1987.

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)

Proust, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana. Editora Globo, 1948.
Proust, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução de Fernando Py. Editora Ediouro, 2004.
Risterucci-Roudnicki, Danielle. *Introduction à l'analyse des œuvres traduites*. Paris: Armand Collin, 2008.
Rónai, Paulo. *Balzac e a Comédia Humana*. Porto Alegre: Globo, 1947.
Rónai, Paulo. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987 [1952].
Sousa, Germana. « O Brasil em Oran: tradução de La peste, de Camus, por Graciliano Ramos ». In: Germana H. P. de Sousa, Ana Laura Reis Correa, Deane Maria Fonseca Castro e Costa (org.): *Literatura e História: Questões dialéticas em nação periférica*. Brasília: CEEL/Grupo de pesquisa Literatura e Modernidade Periférica – CnPq/TEL/UnB, 2009.
Strathen, Paul. *Virginia Woolf em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2009.
Toury, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 1995: 53-69. Disponível em: http://www.tau.ac.il/~toury/works/GT-Role-Norms.htm. (Acesso em 25 maio 2011).
Woolf, Virginia. *Orlando – A biography*. London: Penguin Books, 2000.
Woolf, Virginia. *Orlando*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

BDD-A24431 © 2011 Editura Universității de Vest
Provided by Diacronia.ro for IP 3.41.188.32 (2026-11-08 04:36:52 UTC)